



SÍNTESE DAS RODAS DE CONVERSA

VILA CIDADÃ

17-23 DE MARÇOS DE 2018



Sumário

1. Roda de Conversa Água nas Eleições 2018.....	4
2. Roda de Conversa- CRISE HÍDRICA.....	11
3. Roda de Conversa- AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O CUIDADO COM A ÁGUA	14
4. Roda de Conversa- DIÁLOGO SOBRE PANC (PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS) E O CUIDADO COM AS ÁGUAS	17
5. Roda de Conversa- EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA CULTURA DA ÁGUA e Lançamento de materiais didáticos da ANA.....	20
6. Roda de Conversa- ÁGUA: DE QUEM É A GESTÃO?	24
7. Roda de Conversa - DIÁLOGOS SOBRE A POLÍTICA DAS ÁGUAS.....	26
8. Roda de Conversa - INICIATIVAS QUE PRODUZEM ÁGUA	28
9. Lançamento do Curso gratuito: "SOLUÇÕES LOCAIS PARA A ÁGUA DIANTE DOS DESAFIOS GLOBAIS"	30
10. Roda de Conversa - CULTIVANDO ÁGUA BOA - POR ITAIPU.....	32
11. Roda de Conversa - ÁGUAS PELA PAZ - CONSTRUINDO COOPERAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NO CUIDADO COM AS ÁGUAS	35
12. Roda de Conversa -O FUTURO DAS ÁGUAS PARA AS FUTURAS GERAÇÕES	37
13. Roda de Conversa - MULHERES E A ÁGUA	39
14. Roda de Conversa - 30 ANOS DE COMITÊS DE BACIA NO BRASIL.....	42
15. Roda de Conversa - GESTÃO PARTICIPATIVA DAS ÁGUAS: O PAPEL DOS ORGANISMOS DE BACIA.....	45
16. Roda de Conversa - ÁGUA GESTÃO COMUNITÁRIA.....	48
17. Roda de Conversa - POPULAÇÕES TRADICIONAIS COMO GUARDIÕES DA ÁGUA.....	51
18. Roda de Conversa - ÁGUA NA MÍDIA	54
19. Roda de Conversa - ÁGUA E SAÚDE	57



20. Roda de Conversa - ÁGUA COMO DIREITO HUMANO.....	59
21. Roda de Conversa - ESTRUTURA MOLECULAR DA ÁGUA E A QUALIDADE DA ÁGUA QUE BEBEMOS	62
22. PREMIAÇÃO DO FESTIVAL GREEN NATION.....	63
23. ENCERRAMENTO: PLATAFORMA SUA VOZ E LEGADOS DO PROCESSO CIDADÃO	64



1. Roda de Conversa Água nas Eleições 2018

Dia: 17.03

Horário: 16h às 18h30

Coordenação / Moderação: André Lima

Participantes: Marussia Whately (Aliança Pela Água - SP), Angelo Lima (RJ), Pedro Ivo (ONG Terrazul), Adriana Ramos (ISA), Malu Ribeiro da Fundação SOS Mata Atlântica, Carsius Azevedo (Novo Encanto Desenvolvimento Ecológico), Angelo Lima do Observatório de Governança das Águas (OGA), Expedito Santos (PT), Bazileu Margarido (Rede Sustentabilidade) e Gutemberg (PDT).

A primeira Roda de Conversa da Arena das Águas teve o intuito de gerar um debate de extrema importância para o futuro das águas no Brasil.

A proposta foi oportunizar a discussão de estratégias e prioridades para levantar o tema da água como direito fundamental as campanhas de debates políticos em 2018.

André Lima, Advogado e Ex-Secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal, mediador da mesa iniciou a conversa lembrando que ouvir a sociedade em relação ao uso de nossas águas é fator essencial para uma política pública de qualidade.



Deste modo, os convidados apresentaram suas perspectivas para geração de um documento a ser enviado aos candidatos das eleições 2018, fazendo assim, com que as demandas e ideias da sociedade sejam ouvidas.

Adriana Ramos (ISA), destacou as desigualdades na sociedade brasileira, e também em relação a distribuição da água no Brasil, visto que o atendimento de demandas é muito desigual se pensando em



bacias hidrográficas, melhorar a implementação e a política de recursos hídricos.

Cada particularidade por bacia deve ser um caminho a ser seguido. Para Adriana,

“Para qualquer cargo que as pessoas se candidatem neste ano, não dá para pensar em água sem pensar em saneamento básico como uma questão central, e outro ponto urgente é a recuperação de nascente e o uso de agrotóxicos, tendo em vista que o impacto no solo e nos mananciais”.

Em sua fala, Malu Ribeiro da Fundação SOS Mata Atlântica, afirmou que colocar a

água na agenda política do Brasil é um grande desafio é uma grande oportunidade. É preciso incorporar a água como elemento fundamental a sobrevivência do homem e repensar seus usos é pensar em preservação em toda sua conjuntura. E ainda, incorporar nas políticas públicas e



governamentais, e na agenda de cidadania. Será necessário fortalecer os órgãos públicos relacionados a recursos hídricos, lembrando que a missão é entender que água é direito humano e que a sua preservação é primordial.

“A água é um elemento integrador que não reconhece a divisão de biomas, a divisão política e administrativa dos estados e municípios, ela reconhece apenas seu ciclo ecológico, e é o elemento que mais espelha os impactos do clima, quer seja por uma seca extrema ou uma chuva que gera uma inundação e enormes problemas, e isso requer de pensar sua gestão integrada. Não adianta nada fazer gestão de crise e ficar monitorando o nível do reservatório.”

Carsius Azevedo (Novo Encanto Desenvolvimento Ecológico) destacou a necessidade dos candidatos assumirem o compromisso com a água e pela aprovação do Zoneamento Ecológico Econômico¹. Os candidatos devem declarar publicamente o compromisso com a água, registrando em cartório e

¹ Zoneamento ecológico econômico tem como objetivo viabilizar o desenvolvimento sustentável a partir da compatibilização do desenvolvimento socioeconômico com a conservação ambiental. O ZEE deve se fundar numa análise detalhada e integrada da região, considerando os impactos decorrentes da ação humana e a capacidade de suporte do meio ambiente. A partir desta análise propõe



“Condicionando a permanência do Mandato Parlamentar ou do Executivo no cumprimento de uma promessa de campanha.”

Marusia Whately, mais conhecida como Maru, coordenadora pela Aliança pela Água em SP, ressaltou a necessidade da leitura do tema da água em três perspectivas de valores: água como direito humano, ou seja, o acesso à água e a redes de esgoto que trazem um conjunto de possibilidades como o acesso a questões judiciais pela



falta de acesso ao esgoto. A segunda questão é a corresponsabilidade entre os diferentes tipos de governo em relação à água e a importância de proteger e recuperar os ecossistemas responsáveis pela renovação da água doce. Esses três princípios se desdobram em uma agenda ampla para o tema da água, principalmente se olharmos quem e como usa a água.

O Fórum Mundial nos faz lembrar dos compromissos com a água e o saneamento aprovados pela ONU, lembrando que todos temos a corresponsabilidade em relação ao seus usos e priorizar o tratamento dos efluentes no Brasil, o que nos traz também problemas relacionados a governança da água; relacionadas a gestão hídrica o saneamento e a prestação de serviços Cuidar para que as outorgas não sejam direcionadas a outros usos, para que os instrumentos de gestão de recursos hídricos fiquem vinculados ao seu território.

“Tentar reduzir o consumo e reutilizar a água é um dos desafios que precisam ser levados a sério, através da participação da sociedade. Fortalecer a economia em relação a água, tratando a água como direito humano e não como mercadoria, cobrando justamente pelo seu uso em todas as esferas,



de acordo com as prestações de serviços em cada área. Tratar os elementos de regulação com seriedade e bom senso. ”

Pedro Ivo, do Instituto Terra Azul, trouxe “uma proposta mais filosófica para o debate”, ao lembrar os Princípios da Carta da Terra, e o primeiro diz respeito a ‘Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade’.

“Se focarmos no respeito a terra e a vida em toda a sua magnitude, entendemos que a água como bem fundamental tem que ser assunto principal na discursões de construção no planejamento de uma campanha eleitoral consciente e séria. ”

A água tem uma série de dimensões, e uma delas é que a água também é um sujeito de direito. O conceito de água como sujeito de direito nega a visão antropocêntrica do homem como único elemento a possuir direitos, ou seja, a natureza e a água também têm direitos à proteção.

Ângelo Lima, do Observatório de Governança das Águas (OGA), buscou reforçar a necessidade de desenvolvimento de uma plataforma para levar aos candidatos às eleições propostas para que a água se torne estratégica para a sociedade brasileira, e para isto é necessário campanhas de mobilização e sensibilização devem ser permanentes. Em sua fala, Ângelo diz que em mais de 20 anos de existência, a Política Nacional de Recursos Hídricos foi uma conquista para sociedade, no sentido de se ter uma garantia de uma continuidade da democratização do processo político de gestão das águas. Ressaltou a existência de mais 240 Comitês de Bacia hidrográfica para a gestão de recursos hídricos, reunindo cerca de 8mil pessoas trabalhando diretamente nessas instâncias, mesmo que ainda não tenhamos mais resultados efetivos, mas só o processo de fazer com que a sociedade fique e olhe para a região da bacia já é um processo positivo de aprendizado para todos nós. Na plataforma de proposta há a necessidade de continuidade desse processo democrático, pois os comitês por terem o papel deliberativo, podem e devem exercer a gestão das águas na bacia.



O representante do OGA, ainda destacou, que a política nacional de recursos hídricos, os comitês de bacia hidrográficas são conquistas da sociedade brasileira, que devem ser considerados no processo eleitoral, devendo ser ouvidos e inseridos na construção da política de recursos hídricos com qualidade e quantidade de água em nosso país.

Uma questão primordial,

“É pensar em garantir um orçamento público, como ocorre para a saúde e educação, para os recursos hídricos. Não dá para a gestão de água ficar passando pires, nesse ou naquele Ministério, pois sabemos a importância que tem a água”.

Outro ponto, é a questão da representação nos Comitês, sendo preciso ampliar o leque da base social nos comitês de bacias, e para isso é preciso investimento nesses organismos e garantir que os Planos de Bacia sejam elaborados e possam ser implementados. Existe todo um processo de Governança no Sistema Nacional de Recursos Hídricos que precisa ser fortalecidos.

Na segunda rodada da mesa de conversa, o moderador, André Lima, propôs a

inversão da roda, no qual os primeiros convidados retornaram ao plenário para ouvir os representantes dos partidos políticos presentes. Segundo André foram convidados representantes de diversos partidos, mas alguns não puderam participar da roda devido a questões de agenda de compromissos.

O representante do PT, Expedito Santos,

abordou a falta de planejamento e gestão das águas, faltou a construção de reservatório, canais e adutoras, que levou a problemas de abastecimento em diversas cidades que tiveram que passar por racionamento.





Essa questão deixou algumas lições, deixando claro que a instabilidade do ciclo hídrico e as severas secas irão exigir dos políticos daqui para frente uma melhoria do planejamento do fornecimento de água. As incertezas das mudanças climáticas exigirão uma resposta dos planejadores de tal modo que os governos municipais terão que daqui para frente buscar estabelecer condições para que em condições de baixa pluviometria não tenhamos o que estamos vivendo em nível nacional.

Outro ponto, é o Projeto de Lei 495/2017 para introduzir os mercados de água,

"como instrumento destinado a promover alocação mais eficiente dos recursos hídricos, é um erro grosseiro para o País que afetaria a soberania nacional e sobretudo, a sociedade."

Bazileu Margarido, representante do Rede Sustentabilidade, destacou o compromisso do partido com a colaboração da sociedade da gestão e implementação das políticas públicas, não só com a das águas, mas de maneira ampla para o bem público.

"Precisamos também considerar a necessidade de implementar políticas de redução de emissões de carbono e outras para enfrentamento das mudanças climáticas, mas sem deixar de discutir uma política de abastecimento energético e a necessidade de diversificação das fontes de geração de energia."

O representante do PDT, Gutemberg, afirmou "precisamos sair do discurso e ir para a prática. É o momento de debate com a sociedade". O cidadão é fundamental, se não começarmos a perceber nossas práticas, nós somos os multiplicadores das boas práticas. Precisamos pensar na questão da educação e não realizaremos nada em nenhuma política. Estamos em um momento crucial, ou nós chamamos a responsabilidade para a gente ou a gente vira ator principal desse debate ou de fato a gente não vai muito longe.

Da plateia, subiram ao palco para participar: Dorinha de Samambaia, questionou sobre os planos da REDE para conscientização da crise hídrica. e Rita de Cássia



2. Roda de Conversa- CRISE HÍDRICA

Dia: 18.03

Horário: 14h30 às 16h

Coordenação / Moderação: Luiz Carlos Souza Silva

Participantes: Maria do Carmo (Gerente de Recursos Hídricos da CAESB); Sergio Razera (Fundação PCJ); Paulo Varella (Presidente CBH Piancó-Piranhas-Açu), Rosany Carvalho (Representantes da Associação dos produtores e protetores da Bacia do Descoberto) e Rafael Mello (Superintendência de Recursos Hídricos da Adasa)

Para o segundo debate foi montada uma roda entre os órgãos públicos para esclarecer a gestão hídrica no âmbito nacional e distrital.

Os participantes mostraram os



desafios e as tendências na questão hídrica no Brasil e colocaram em questão a debilidade na gestão. Para muitos fazer um planejamento e colocar investimentos necessários na realização de Planos de contenção seria o início de uma gestão comprometida com os Recursos Hídricos.

Os representantes dos Comitês de Bacia chegaram à conclusão que trabalhar com os CBH, e parceiros, de forma integrada, como gestores de recursos hídricos e não como usuários e sociedades civil, pode ser uma oportunidade de escuta e de avanço.



Para Rosany Carvalho, presidente da Associação da Bacia do Pró-Descoberto,

“Uma vez que a gestão se torna compartilhada, gestores e agricultores não sofrem com os problemas da escassez de água, pois as soluções forma pensadas coletivamente.”

Paulo Varella, Presidente CBH Piancó-Piranhas-Açu, reforçou que além da



participação de todos nas tomadas de decisão é importante considerar a gestão de territórios.

“Não devemos esquecer que é nossa obrigação cuidar de nascentes, como também diminuir perdas na rede, diminuir o uso e

reaproveitar mais se não queremos passar mais vezes por crises hídricas.”

Sergio Razera da Fundação PCJ lembrou que não adianta culpar os Comitês de Bacias Hidrográficas que estão envolvidos diretamente com o dia a dia das águas em suas regiões.

“Fazemos relatos e planejamentos. Repassamos aos gestores, mas infelizmente na sua maioria, não acatam ao que expomos. É quase um trabalho em vão, que se for escutado, poderia ter poupado muitas cidades das escassezes hídricas”.

Sobre as práticas e projetos que interferem intrinsecamente na questão hídrica, Maria do Carmo, Gerente de Recursos Hídricos da CAESB, salientou que além da melhoria da infraestrutura e dos instrumentos de gestão, os gestores públicos devem sempre buscar por Inovações e mudanças de hábitos. Uma delas seria o aproveitamento de uso da água da chuva.

A fala de conclusão foi do Rafael Mello da Superintendência de Recursos Hídricos da Adasa que trouxe uma importante mensagem.

“Vivemos a pior crise hídrica na história do Distrito Federal e não queremos que isso continue. Para que aproveitemos as chuvas que estão nesta época

abastecendo os nossos reservatórios, devemos a partir de agora, antes tarde do que nunca, planejar e executar, para que não tenhamos que viver outra fase destas.”

O debate contou com o registro da facilitação gráfica resumindo os pontos mais importantes discutidos pela mesa.





3. Roda de Conversa- AGRICULTURA SUSTENTÁVEL, ECONOMIA SOLIDÁRIA E O CUIDADO COM A ÁGUA

Dia: 19.03

Horário: 14h30 às 16h

Coordenação / Moderação: Elise Dalmaso

Participantes: Fabiana Penereiro, Andrea Zimmermann, Fátima Cabral e Dorvalina Teresa Soares.

A primeira roda do dia 19.03 sobre Agricultura sustentável, economia solidária e o cuidado com a água, mostrou como ações sustentáveis geram impactos diretos nas vidas das pessoas. As agroflorestas são baseadas nos princípios

indígenas de ocupação do solo, pois eles sempre deixavam a terra por um período de descanso para recuperação. O amor e o cuidado com a natureza, princípio das agroflorestas, inspiram a trabalhar com o que a natureza mostra para cada um de nós. O desafio dessa cultura é conscientizar os agricultores que esta prática melhora a adubação e umidade natural do solo, diminuindo custo com insumos e melhorando a produtividade ao longo do tempo. Além disso, a questão da monocultura é gritante em nosso país, programas políticos de apoio à multicultura e instalação de multiculturas deveriam ser prioridade em nosso governo, pois cada agricultor em nosso país seria um produtor de água.

A abordagem da água não ser um recurso e sim o próprio sangue da mãe terra é interessantíssimo, pois seres humanos não vivem sem sangue, assim como a natureza não vive sem água. O conceito de agroflorestas é o futuro sustentável da agricultura mundial. Fazer com que a própria natureza nutra e umidifique o solo é voltar ao ciclo natural da vida.





Sobre as CSAs - Comunidade que Sustenta a Agricultura, os palestrantes acreditam ser um modelo sustentável para o pequeno agricultor. Os depoimentos das duas agricultoras foram de extrema importância. Ambas foram assentadas pelo MST e receberam terras desertas, cujos produtos cultivados não tinham destino para venda, sendo que a maioria dos produtos eram perdidos. Depois da parceria com a

CSA, as chácaras começaram a ser arborizadas e habitadas pela fauna que até então não existia. O modelo de CSA apresenta uma planilha aberta dos custos de produção e este custo é dividido entre os co-agricultores que recebem semanalmente uma cesta com produtos variados e também são convidados a



participar do manejo da terra. Esta opção é muito interessante para este tipo de agricultor, que tem a certeza do pagamento de suas contas e recebe a capacitação necessária para a preservação dos recursos.

O público interagiu com o debate e a senhora Liliam Pera, acrescentou o seu desejo,

“Acredito que este tipo de ação deve ser estendida para todas as regiões de nosso país. Sou do interior de São Paulo e gostaria que houvesse incentivo para a implantação desse programa em minha região. Com certeza seria uma co-agricultora, pois achei essa ação prioritária para a produção consciente de alimentos em pequena escala. Por outro lado, em larga escala, a questão das agroflorestas são o futuro sustentável para a produção de alimentos.”



4. Roda de Conversa- DIÁLOGO SOBRE PANC (PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS) E O CUIDADO COM AS ÁGUAS

Dia: 19.03

Horário: 16h30 às 18h

Coordenação / Moderação: Andrea Zimmermann

Participantes: Nuno Madeira (Embrapa) e Deise Lopes (Nutricionista e fito terapeuta)



As Plantas Alimentícias não Convencionais (PACNs) são espécies que muitos conhecem, mas poucos sabem que podem ser consumidas, como, por

exemplo, o ora-pro-nóbis, maracujá do mato, capuchinha e trevo. Para falar dialogar sobre o tema,

Nuno Braga, pesquisador da Embrapa, e a nutricionista Deise Lopes, falaram sobre o plantio destas espécies, que tem um uso reduzido, além de serem resistentes e não necessitarem de agrotóxicos para se desenvolverem, e, sobretudo, são resistentes e nutritivas, o que também ajuda nos cuidados das águas que compõem o nosso corpo.



Nuno Madeira reforçou a importância de tornar o plantio das PANCs algo constante, que se crie um banco comunitário permanente.

“Eu trabalho para que essas espécies sejam valorizadas, para isso é preciso tornar a produção estável, para domesticar a espécie e fazer um **plantio monitorado**”, afirmou.



Madeira explicou, ainda, que esse tipo de plantio respeita as características locais e fortalecem a comunidade. Ele levantou, ainda, que elas também podem ser usadas para alimentação animal.

Deise Lopes, por outro lado, ponderou acerca dos micronutrientes.

“Os alimentos que consumimos, muitas vezes não contêm esses micronutrientes, necessários para o corpo humano. O alimento é muito mais que nutriente, é lembrança, é vínculo, é cultural e é fundamental para o nosso senso de comunidade”, explicou.



Após as explicações, os participantes puderam se reunir em trios e dialogarem sobre o tema para que, posteriormente, explanassem sobre o que foi falado. O produtor rural Jonas Chequetto compartilhou

que em seu município, Vila Valério - ES, foi possível diminuir o número de crianças com anemia com a introdução de PANCs, como farelo de trigo e arroz, semente de abóbora e melancia, e pó da folha de mandioca.



O debate foi muito produtivo e para muitos as PANCs foram escutadas pela primeira vez. A mensagem final é que devido as extremas oscilações climáticas e principalmente com a questão da água, se torna necessário abrir os nossos horizontes para a agricultura e conseqüentemente para a nossa alimentação. Devemos respeitar os ciclos, deixar a natureza respirar e ter as suas pausas para assim vivermos em harmonia.



5. Roda de Conversa- EDUCAÇÃO PARA UMA NOVA CULTURA DA ÁGUA e Lançamento de materiais didáticos da ANA

Dia: 19.03

Horário: 18h30 às 20h

Moderador/Coordenador: Neusa Barbosa

Palestrantes: Marcos Sorrentino (Professor da USP), Pedro Arrojo ((Professor da Universidade de Zaragoza - Espanha); Luna Lambert (Professora da Rede Pública do DF), Taciana Leme (Agência Nacional de Águas - ANA) e Marcos Didonet (Geógrafo e produtor de cinema).

A terceira roda de conversa na Arena das Águas teve início com lançamento de duas publicações da Agência Nacional de Águas (ANA).

Taciana Leme, Coordenadora de capacitação do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos da ANA, apresentou as duas últimas publicações: 'catálogo de materiais Didáticos com o tema Água para a Educação Básica' e 'Encontros Formativos - Educação Ambiental, Capacitação e a Gestão das Águas'. Ambos foram distribuídos posteriormente ao público presente no final da Roda de Conversa.





A educação para uma nova cultura da água se propõe abrir um debate centrado nos problemas que caracterizam a gestão da água, promovendo a aproximação entre os diversos atores sociais.

Em seguida, explanou que o ponto de partida é a necessidade de introduzir alterações radicais na cultura da água com o objetivo de fortalecer o desenvolvimento local, fundamentada em princípios de igualdade, solidariedade, sustentabilidade, educacional, social e econômica, a verdadeira gestão democrática. A professora da rede pública d DF, Luna Lambert, garante através da sua experiência que,

“Introduzir novas dinâmicas na educação das crianças ajuda a nos colocar como sujeitos responsáveis e a resolver situações que talvez não conseguíamos enxergar antes. Dar a vivência às crianças, como a



permacultura ou outras práticas ambientais, aos alunos e levar a educação onde ela deve ir, além da sala de aula.”

A educação é muito maior do que aquela que é transmitida em sala de aula - a educação para uma nova cultura da água é uma forma diferenciada de transmitir a educação ambiental, com transversalidade de fato. É urgente que todos os professores sejam capacitados em diversos temas ambientais.

Pedro Arrojo, da Universidade Zaragoza na Espanha, defende que o mundo precisa sair da cultura da Água como recurso. Esta mudança precisa ser ética, de valores e principalmente da nossa relação com a natureza.

“A água é um bem vital, ela é vida. Temos que mudar nossa postura perante a um bem tão precioso para a existência animal e vegetal do nosso planeta”.



Os participantes reforçaram que, para se ter educação ambiental, a mudança cultural é primordial. O professor ainda destacou:

“Não se muda cultura com decreto, ela é mudada com o tempo e de pouco a pouco. Temos que deixar visível a dor para que ela seja valorizada e que gere anseio de mudança.”

Taciana Leme, da ANA, enfatizou que capacitar e educar precisam ser ações de parceria. Assim o alcance e os resultados são muito mais satisfatórios. Para ela, não adianta ter diversas formatos de educação, se não houver representatividade e acesso. Em se tratando da água, todos estes formatos devem se lembrar que necessitamos de uma plataforma pedagógica da água.

A Universidade de São Paulo esteve representada pelo professor Marcos Sorretino, que acredita que água é democracia. Ou seja, para atingirmos a mudança que queremos no consumo da água e em como a tratamos, será necessária uma mudança política.

A última fala veio do Marcos Didonet. O geógrafo, cineasta e coordenador do Green Nation utiliza várias formas de entretenimento para educar brincando. Além disso, ele acredita que o cinema é uma ferramenta poderosa na educação.

“É preciso criar novas alternativas fáceis de serem replicadas. O simples (frugal) é o caminho mais fácil de atingir o maior número de pessoas. O lúdico, o sensorial, o interativo agrega e facilita o entendimento e a comunicação.”

Um posicionamento unânime nesta roda foi: a privatização da água transforma o cidadão em cliente. Água é um direito humano.



6. Roda de Conversa- ÁGUA: DE QUEM É A GESTÃO?

Dia: 20.03

Horário: 9h às 10h30

Moderador/Coordenador: Suraya Modaelli

Palestrantes: Guilherme Checco (Pesquisador do Instituto Democracia e Sustentabilidade - IDS), João Bosco Senra (COPASA), Sandra Kirsch (Ministério Público Federal), João Paulo Angelli (membro Parlamento Nacional da Juventude pela Água - PNJA) e Luiz Fermino Pereira (Diretor do Plano Metropolitanano do Rio de Janeiro).

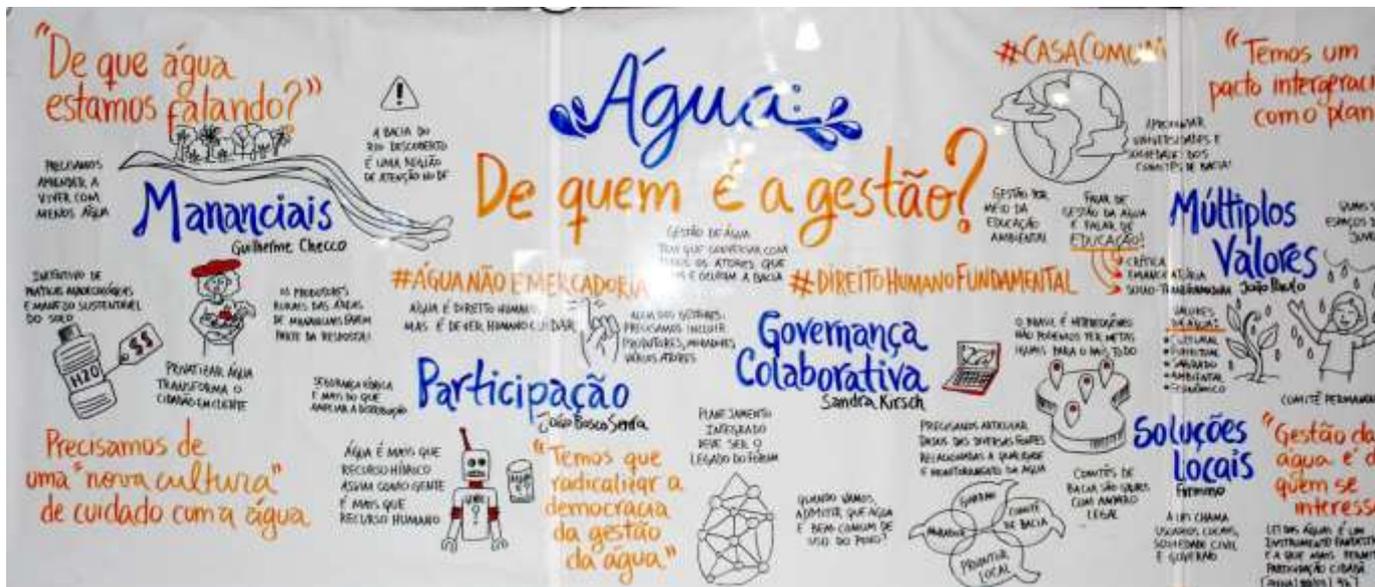
A água é um elemento vital e, no Brasil, a gestão é feita de forma compartilhada. Diversas instâncias e organismos compõem o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos (Singreh). A proposta da Lei das Águas, que instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH), é que a gestão seja feita de forma descentralizada e participativa. Como essa administração está sendo feita? O que





pensa cada instância? A Roda de conversa, 'Água, de quem é a gestão?' propôs refletir sobre estes questionamentos.

Os participantes reforçaram que a água é um bem comum, dotado de valor econômico, e a responsabilidade deve ser de todos, portanto, cada um tem um papel dentro da gestão. A especialista em direito ambiental, Sandra Kishi, ressaltou, ainda, que será criado um Comitê Nacional interministerial para debater sobre água. Humberto Gonçalves reforçou a importância dos Comitês de Bacias Hidrográficas, e a participação da sociedade civil.



Confira o registro dessa roda de conversa elaborado pela facilitação gráfica.



7. Roda de Conversa - DIÁLOGOS SOBRE A POLÍTICA DAS ÁGUAS

Dia: 20.03

Horário: 11h às 12h30

Moderador/Coordenador: Paula Freitas (Especialista Sênior do Banco Mundial)

Palestrantes: Francisco Nunes Correia (ex-Ministro do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional de Portugal), Jussara Cabral (Presidente da ABRH), Samuel Barreto (The Nature Conservancy Brasil e do Movimento Água para São Paulo)

Apresentação: José Luiz Gomes Zoby (Especialista de Recursos Hídricos da ANA)

Esta roda de conversa teve o objetivo de apresentar e debater propostas para o aperfeiçoamento da Política e do Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos do Brasil. O projeto é uma parceria envolvendo a Agência Nacional de Águas, o Ministério do Meio Ambiente, o Banco Mundial e o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

Inicialmente houve uma apresentação pela Ana sobre o *projeto "Diálogos para o aperfeiçoamento da Política do Sistema de Recursos Hídricos do Brasil"* onde aprofunda o entendimento sobre avanços, lacunas a aperfeiçoamento sobre a política de recursos hídricos, apresenta os estudos complementares da OCDE e as etapas do projeto como o Alinhamento - Diagnóstico/Proposição e Consolidação das Proposição.

A discussão pode mostrar que os debatedores concordam com grande parte do diagnóstico apresentado, mas a política deve ser aperfeiçoada, pois ressaltam que ainda temos grandes dificuldade para o avanço da Política Nacional de Recursos Hídricos entre elas as integrações entre as Políticas Públicas, a Gestão Integrada e o diálogo entre a União e os Estados, tendo ainda como questões complementares, o distanciamento entre a Sociedade e a Política Nacional de Recursos Hídricos (PNRH) , sendo este um dos fatores preponderantes para o agravamento dos riscos hídricos, pois



a população não conhece a PNRH e quais são seus objetivos, pois só cumprir a LEI não basta.

Outro ponto abordado são as questões estruturantes, onde os setores têm uma expectativa de crescimento e os recursos hídricos tem uma capacidade de suporte, por tanto os instrumentos de gestão como Planos, Enquadramento, Outorga, Cobrança e Sistema de Informações são de fundamental importância para poder dar clareza aos diferentes atores que atuam em uma bacia hidrográfica. Concomitante a implementação dos instrumentos de gestão, a sociedade deve ter bem claro que o uso da água deve ser compatibilizado com a demanda, e, a alocação de água deve ser parte da bacia, por tanto é importante fortalecer as instituições para que estas consigam discutir com igualdade com os setores mais fortes e organizados.

Como um grande desafio para avançar no entendimento da PNRH pode-se destacar o fortalecimento dos órgãos gestores, a formação de uma massa crítica que entenda o Sistema de Recursos Hídricos integrado com os diferentes setores, além do equilíbrio entre as forças dos órgãos gestores e da sociedade. Se há uma



sociedade mobilizada, existe ganho para o Sistema de Recursos Hídricos, pois a sociedade mobilizada em rede muitas vezes provoca o fortalecimento do órgão gestor.

Abaixo o registro gráfico desta Roda de Conversa.



8. Roda de Conversa - INICIATIVAS QUE PRODUZEM ÁGUA

Dia: 20.03

Horário: 14h30 às 16h

Moderador/Coordenador: Luiz Cláudio (Instituto Espinhaço)

Palestrantes: Francisco Marshal (Agronegócio - GO), Jacqueline Vieira (Governo do Estado do Góias), Demostenes Romano (Educador Ambiental e Produtor de Água - MG), Rafaela Comparim (Prefeitura de Camboriú - SC) e Marcus Andrei (Produtor de Água Campo Grande/MS).

A mesa foi composta por responsáveis de instituições que atuam no fomento, na produção e em ações práticas de projetos que tratam da produção de água, em sua essência.

ficou claro que os desafios para se implantar as "fábricas de água", ou seja assimilar o que realmente significam as práticas conservacionistas de solo e água, com a adesão voluntária do produtor e o reconhecimento da sociedade em geral, não são fáceis.

Com tendências, visualizamos a necessidade da comunicação como premissa básica para a apresentação de experiências exitosas e uma observação clara da necessidade de que se use, efetivamente os conhecimentos técnicos e científicos, em parceria com o conhecimento empírico.

Os projetos advêm de editais, nesse caso disponibilizados pela Agência Nacional de Águas (ANA), de qualquer forma se observa a necessidade de uma divulgação mais ampliada, visto o desconhecimento apresentado por parte da plateia, e consideramos uma boa plateia e atuante, dentre eles vários membros de diretoria de Comitês de Bacias Hidrográficas, sobre esses feitos. Como sugestão ficou notória a necessidade de uma socialização mais expressiva dos editais e das experiências exitosas.

As estratégias políticas devem alcançar e fazer com que as companhias de saneamento entendam a necessidade de se inteirarem com esses projetos, visto



a mínima participação destas, principalmente considerando as bacias e mananciais de abastecimento público.

As práticas, projetos e ações devem ser levados até o produtor rural de forma mais transparente para que esses se sintam parte integrante e positiva do projeto e não mais um querer a produção pela produção.

Ainda falta uma interação mais pro-ativa entre os órgãos de governo, como o Incra, junto aos assentamentos rurais de reforma agrária.

Detalhes interessantes ficou por conta dos custos de implantação dos projetos, do tempo em que eles são desenvolvidos, visto o retorno e o custo benefício e, talvez por final o engajamento articulado da mobilização e educação ambiental, adequando as práticas e os estímulos buscando a interação e a conscientização político social.

Em um olhar mais humano foi observado que apesar de se ter leis, técnicas e propostas faltam ainda a interiorização sem o uso indiscriminado de um processo político partidário e ainda numa visão de território e de gente.

Assim as iniciativas que produzem água podem e devem primar pelas técnicas de restauração, buscando não criar projetos onerosos, onde os desafios de mobilização, parte legal, diagnósticos, contratos e motivação sejam transformados em envolvimento sem burocracia e dificuldades de entendimentos, onde a agricultura e a pecuária e o abastecimento venham conviver com o uso adequado dos corpos hídricos e se responsabilizando pelas suas fábricas de água.

Os projetos em geral são muito bons, considerando aí a fauna, a flora e os recursos hídricos, salvo algumas exceções, conseguem recuperar as nascentes e fazer infiltrar água no solo como boas práticas de uso sustentável dos recursos naturais e de fábricas de água.



9. Lançamento do Curso gratuito: "SOLUÇÕES LOCAIS PARA A ÁGUA DIANTE DOS DESAFIOS GLOBAIS"

Dia: 20.03

Horário: 16h30 às 17h

Palestrante: Eduardo Weaver



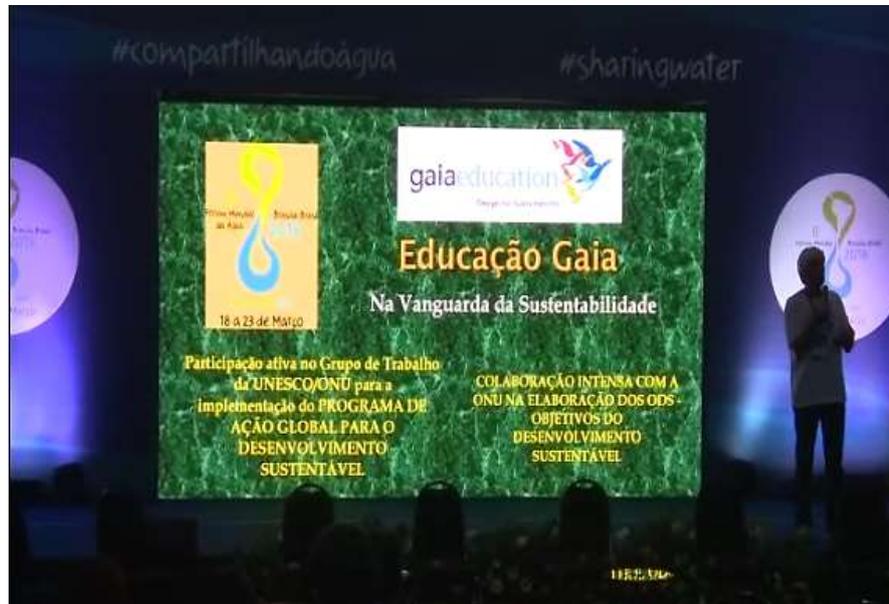
Esse workshop foi desenvolvido pelo Gaia Education em parceria com a UNESCO, sendo um treinamento para formar multiplicadores capazes de atuar na implantação dos ODS

nas comunidades. Como o tema do Fórum é a Água, o curso será ficado no ODS 6 que está formulado como "Assegurar a disponibilidade e gestão sustentável da água e saneamento para todos."

Lançamento do curso online gratuito "Soluções Locais para a Água diante dos Desafios Globais" oferecido pelo Gaia Education em parceria com a UNITAR/ONU, Governo da Escócia e Universidade de Strachclyde. No lançamento, que será coordenado por Eduardo Weaver, será exibido um vídeo curto sobre o curso e serão dadas informações sobre seu conteúdo e como fazer a inscrição. Esse curso online gratuito é uma contribuição do Gaia Education para a Década Internacional (2018 a 2028) de Ação pela Água da ONU. O curso terá início no dia 22 de março e terá duração de 5 semanas. As inscrições podem ser feitas através do site www.gaiaeducation.org/elearning/local-water-solutions-for-global-challenges/



A água é essencial para a vida. O aumento da população mundial, os impactos das mudanças climáticas e o crescimento insustentável têm exercido pressão sobre os mananciais e sobre o acesso a água de qualidade em todo o mundo. A boa gestão da água pela comunidade internacional é fundamental para que se alcance os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Cada gota d'água é importante. O curso tem por objetivo capacitar as comunidades para cuidarem desse precioso bem.





10. Roda de Conversa - CULTIVANDO ÁGUA BOA - POR ITAIPU

Dia: 20.03

Horário: 17h às 18h30

Moderador/Coordenador: Ivan Baptiston (Diretor do Parque Nacional do Iguaçu - Itaipu Binacional)

Palestrantes: Ariel Scheffer (Superintendente de Gestão Ambiental da Itaipu), Leila de Fátima Alberton (Gerente da Divisão de Educação Ambiental), Newton Luiz Kaminski (Diretor de Coordenação da ITAIPU, Silvana Vitorassi (Gerente do Departamento de Proteção Ambiental), Irene Carniatto (Representante da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - Unila) e Quirino Kesler (Secretário de Agricultura de São José das Palmeiras).

A experiência de 15 anos do programa Cultivando Água Boa (CAB), da Itaipu Binacional e parceiros, foi apresentada na Arena da Vila Cidadã.

Vencedor do prêmio ONU-Água em 2015, como melhor prática de gestão da água, o CAB tem como característica o envolvimento da sociedade civil e demais atores do território no diagnóstico, planejamento e execução das ações socioambientais.

Criado em 2003, o programa atua em 217 microbacias da região da Bacia Hidrográfica do Paraná 3 (que é composta por 29 municípios cujos rios estão conectados com o reservatório da hidrelétrica). No último mês de dezembro, a Itaipu decidiu ampliar a área de atuação do programa para 54 municípios do Oeste do Paraná, além de intensificar as ações na região já atendida.





Outra novidade no programa é a atuação em sintonia com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), conjunto de metas que compõem a Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU).

O diretor de Coordenação Newton Luiz Kaminski, explicou na abertura da



apresentação,

"O CAB atua em sintonia com outras ações da Itaipu voltadas ao desenvolvimento sustentável do território"

As ações da empresa no âmbito da água e energia também se conectam com a

produção de alimentos e a proteção aos ecossistemas, com forte participação da comunidade.

Os palestrantes apresentaram as diversas ações que compõem o CAB, que envolve educadores ambientais, indígenas, catadores de materiais recicláveis, agricultores familiares, jovens, mulheres e lideranças comunitárias.



Kesler fez um relato de seu município, que tem cerca de 4 mil habitantes e, nos anos 2008 e 2009, passou por uma situação grave de estresse hídrico, com o esgotamento dos poços artesianos e prejuízos na atividade

agrícola no local. A solução adotada, preconizada pelo CAB, foi a recuperação e proteção de nascentes. O caso foi selecionado em um dos eventos preparatórios para o FMA para ser apresentado na Vila Cidadã.



"Muitos produtores tiveram resistência no início, porque queriam abrir mais poços, mas depois que viram os resultados aderiram ao programa. Hoje temos as nascentes do município mapeadas e protegidas e não tivemos mais secas como aquela. Cerca de 70% das propriedades rurais são abastecidas por essas nascentes", contou o secretário.

A apresentação foi finalizada com a participação de Irene Carniatto, que mostrou como o papel da universidade nesse tipo de iniciativa é importante, apoiando com a realização de pesquisas, cursos de extensão e formação continuada para a comunidade.





11. Roda de Conversa - ÁGUAS PELA PAZ - CONSTRUINDO COOPERAÇÃO E COMPARTILHAMENTO NO CUIDADO COM AS ÁGUAS

Dia: 21.03

Horário: 9h às 10h30

Moderador/Coordenador: Felipe Augusto Fernandes Ferreira (Secretário de Meio Ambiente do Distrito Federal).

Palestrantes: Sri Prem Baba (vídeo), Roberto Crema (Reitor da Universidade da Paz-UNIPAZ), Vera Catalão (Diretora de Educação do CIRAT), Sérgio Ribeiro (Coordenador de Água da Secretaria de Meio Ambiente do Distrito Federal) e Maria Alice (membro do Conselho Internacional das 13 Avos Nativas).

Esta roda de diálogo operou considerando que a água, sua produção, conservação, valorização, e distribuições-consumo possui múltiplas expressões, olhares diferentes e seu encaminhamento se desenvolve em um contexto de crise de valores em uma era de mudança de paradigmas. A abordagem do tema e das soluções deve contemplar olhares de transdisciplinaridade, não apenas com um enfoque técnico ou setorial, nem como mercadoria.

A água deve ser reconhecida como um bem de uso comum, de importância vital para a existência das espécies vivas e especialmente do homo sapiens.

Portanto, parece evidente que o tema da água não pode ingressar na era das polarizações extremas que levem ao conflito ou a guerra.

Segundo Sri Prem Baba,

“Não assumir unicamente a ‘lógica do mercado’ como recursos hídricos, nem na ‘lógica populista’ simplista que desconsidere custos da cadeia produtiva da água que deve ser remunerada para produzir, tratar e distribuir até chegar em cada usuário final com transparência de quem deve arcar com os custos.”





E nesse quadro de potencial conflitos e onde se faz necessário aplicar uma metodologia da "cultura da paz e mediação de conflitos" com regras pactuadas de ganha ganha que compartilhe custos e benefícios para o uso deste bem de uso comum. O diálogo e escuta imprescindível, uma vez que nossa espécie com acelerada concentração de grandes massas em zonas urbanas, disputando e destruindo áreas de biodiversidade em favor de uso inadequado do solo poderão chegar a situações extremas de convivência.

Portanto, cooperação (que significa trabalhar juntos com os mesmos objetivos) faz parte da metodologia.

Neste debate emerge alguns eixos que estruturam esta narrativa na linha do "ÁGUA mole Em pedra dura tanto bate até que fura", como:

- Compartilhar água e impossível sem cooperação em uma cultura de paz;
- Direito a água ou direito da água?;
- Valor da água não na lógica do mercado, mas nos valores do viver juntos; e
- A solução não é só técnica, é necessário a escuta dos saberes tradicionais.

Uma lição que deveríamos aprender sobre a falta de diálogo ou dificuldade de diálogo e a existência de um "Fórum Oficial" e um "Fórum Paralelo" questão que



não se insere na Cultura da Paz e da cooperação para compartilhar.

A mudança de valores deve começar pela própria pessoa, e **se questionar** "O que estou fazendo para mudar?".



12. Roda de Conversa –O FUTURO DAS ÁGUAS PARA AS FUTURAS GERAÇÕES

Dia: 21.03

Horário: 11h às 12h30

Moderador/Coordenador: Alberto J. Palombo (Rede Interamericana de Recursos Hídricos - RIRH).

Palestrantes: Ron Denham (Chairman do WASRAG), Agata Lopes Tomassi (Parlamento Mundial Jovem das Águas) e André Sanchez (Iniciativa dos Jovens Profissionais das Águas das Américas).

A Roda de conversa chamada “O futuro das Águas para as futuras Gerações” foi aberta pelo Alberto Palombo, comentando que nos tempos atuais, as ações humanas têm causado mudanças ambientais drásticas, ao ponto de muitos cientistas sugerirem um novo intervalo de tempo geológico oficial, chamado de antropoceno, com início entre o final do século XVIII e os anos de 1950. Neste novo período da escala geológica ainda não oficial, a água é um dos recursos naturais



mais utilizados e o que mais sofre com as ações humanas.

Diante dessa introdução, o moderador lança aos palestrantes três perguntas, que irão embasar as discussões: Para você, qual é o futuro

da água? O que estamos fazendo hoje para mudar o futuro da água? Qual o prazo para essa mudança?

Para os palestrantes, as atividades sociais e econômicas levam a escassez de água, pois, em muitos países a demanda da água é maior que a oferta. Por isso, o futuro da água de boa qualidade está embasado em planejamento do seu uso, parcerias e/ou negociação entre os setores usuários da água e enfoque na educação de jovens e adultos, para o uso racional e consciente desse recurso que é um direito de todos.



Agata Tomassi, liderança jovem, enfatizou que,

“No lugar de esperar que as coisas aconteçam, queremos construir um compromisso intergeracional para cuidar da água no planeta”.

Com relação as mudanças para o futuro da água, os palestrantes comentaram que devem ocorrer por meio dos jovens e das mídias sociais, pois é necessário conscientizar, educar e desenvolver



ações para fazer as pessoas agirem, no sentido de reduzir a demanda da água. Essas ações começam no dia a dia das atividades sociais, culturais e econômicas e quando se transformam em boas práticas precisam ser multiplicadas nos diferentes meios de comunicação e mídias sociais, no intuito de serem veículos de mudanças para outros setores. Essas práticas incentivarão os atores sociais e gestores públicos a implantarem políticas públicas de incentivos a redução da demanda da água nos diferentes setores sociais. O prazo para que essas mudanças ocorram, para alguns palestrantes, tecnicamente já se esgotou, mas o processo educativo com os jovens pode mitigar muitos dos impactos ambientais nos recursos hídricos e reduzir a sua escassez.

Ron Denham acredita que para dialogar com a juventude, devemos pensar que estaremos cuidando destas gerações e das que virão.

“Nossos olhares e atitudes em relação a água não deve perder o brilho da juventude, o esforço de cuidar e de interagir por um bem maior”.

O futuro das águas para as futuras gerações, as mudanças para o uso consciente da água já começaram, em grande parte dos países, e se ampliarão ainda mais com os jovens e as futuras gerações, por meio de ações planejadas e concretas da sociedade. A ideia de que as pessoas adultas não desenvolvem ações para mudar a realidade da escassez e da qualidade água é uma visão equivocada.



13. Roda de Conversa - MULHERES E A ÁGUA

Dia: 21.03

Horário: 14h30 às 16h

Moderador/Coordenador: Neusa Barboza

Palestrantes: Daniela Nogueira (UNB), Alice Baumann (Holanda), Rosana Garjuti (Universidade Federal do Ceará) e Lavinia Anastacia (Azerbaijão).

A Roda de conversa, chamada "Mulheres e a Água" teve uma conotação de incentivo

às mulheres para participar nas diferentes escalas dos sistemas decisórios e se empoderarem das discussões relacionadas à água. A moderadora lançou um desafio para as palestrantes em como mostrar como as mulheres/homens podem influenciar nas ações relacionadas às águas, com base no olhar feminino.

Para as palestrantes, as mulheres são como a água, fontes geradoras de vida no planeta.

No entanto, no contexto rural e urbano de cada país repleto de diversidade, do ponto de vista geográfico, cultural, econômico e social, a grande maioria das mulheres, não participa ativamente dos processos decisórios nas instâncias relacionadas à água. Esses cargos são geralmente ocupados por homens que, alguns deles, mesmo não tendo muito conhecimento do tema em discussão, participam ativamente dessas instâncias deliberativas.

As mulheres, muitas vezes, se colocam em um papel inferior, seja nas classes sociais mais elevadas como nas mais baixas. Nas classes sociais mais elevadas algumas mulheres se destacam, enquanto líderes de diferentes segmentos relacionados a água, mas, a grande maioria apenas assume o papel de auxiliar os homens nas diferentes instâncias decisórias. Nas classes sociais mais baixas ou pobres, em que não há saneamento básico instalado, a situação é bem pior, pois as mulheres,





juntamente com as crianças, assumem o trabalho de buscar água em utensílios pesados por longas distâncias. Mesmo sendo um trabalho que requer muita força, não é efetuado por homens, pois é considerado um trabalho das mulheres.

A ideia da introdução do olhar feminino nos sistemas decisórios surge no século



passado na Conferência de Dublin, realizado na Irlanda. Nos últimos anos essa realidade começa a mudar de forma tímida, mas com a ajuda de organizações que incentivam ações coletivas e humanitárias e com leis mais

democráticas e participativas essa realidade começa a mudar. Desde esse período, muitas iniciativas já aconteceram em vários lugares do mundo e muitas mulheres já descobriram sua força e poder nos processos decisórios. Já desenvolvem ações concretas em prol das águas nos diferentes países, juntamente com auxílio dos homens influenciam a tomada de decisões. A água é um importante instrumento de empoderamento para as mulheres se posicionarem. Mas, para as palestrantes é preciso juntar as forças e arrebanhar cada vez mais mulheres e crianças para a participação e discussão. É preciso se juntar e multiplicar a ideia de empoderamento e de participação social.

Como sugestão as palestrantes e a plateia sugeriram que as mulheres que já se despertaram para



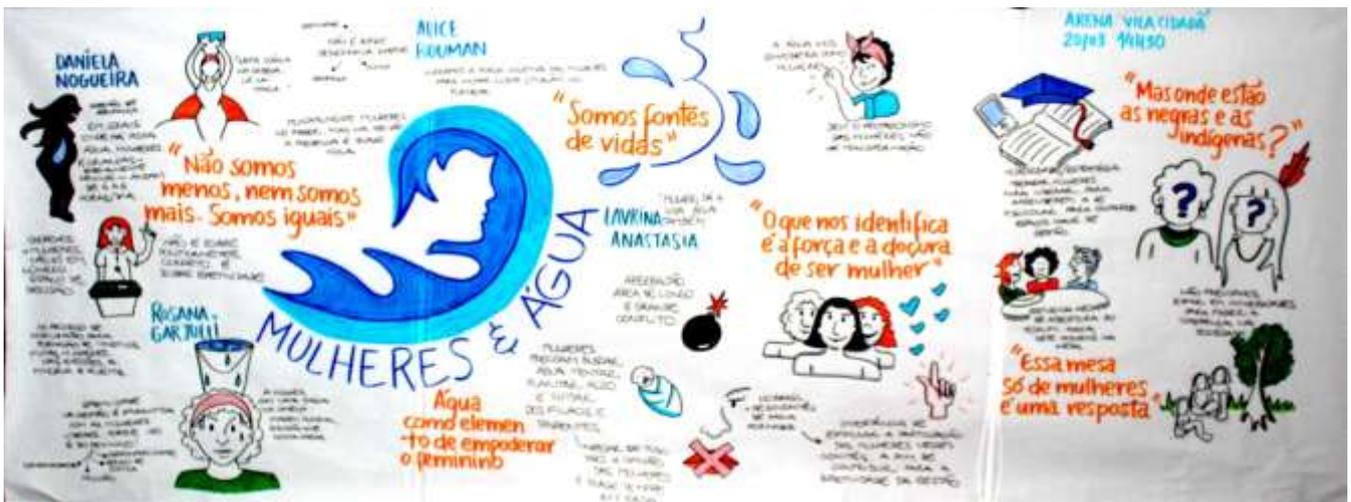
o processo de empoderamento, possam multiplicar essa ideia e incentivar todas as mulheres classes, credos e etnias para as lideranças, para as questões das águas; a criação da Rede de Mulheres Latino Americana para a Água; a inserção nas pautas



de organizações apoiadas pela ONU; órgãos ambientais, sistema de gerenciamento de Recursos Hídricos como um todo, Comitês de Bacias Hidrográficas; da discussão da inserção da mulher nas discussões decisórias, entre outras.

Como vivemos em um mundo ainda muito machista, é de bom tom que as mulheres empoderadas do seu potencial trabalhem em conjunto com os homens para beneficiar toda a coletividade. O papel das mulheres é fazer chegar suas representantes nos diferentes setores econômicos, sociais, mas com potencial e capacidade para decidirmos de igual para igual com os homens, pois existem, em alguns países, espaços democráticos no sistema decisório que precisam ser ocupados.

Abaixo o registro gráfico desta Roda de Conversa.





14. Roda de Conversa - 30 ANOS DE COMITÊS DE BACIA NO BRASIL

Dia: 21.03

Horário: 16h30 às 18h

Moderador/Coordenador: Rebecca Abers

Palestrantes: Rosa Maria Formiga Jonhsson (UERJ), Beate Frank (Universidade Regional de Blumenau), Rebecca Abers (Universidade de Brasília) e Margareth Kerk (Universidade de Johns Hopkins -EUA).

A Arena das Águas recebeu nesta roda de conversa especialistas em recursos hídricos sobre os 30 anos dos comitês de bacia no Brasil.

Integrantes do Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, os comitês de bacias hidrográficas existem no país desde 1988. Sua composição diversificada e democrática contribui para que todos os setores da sociedade com interesse sobre a água na referida bacia sejam representados e participem da tomada de decisão sobre a gestão dos recursos hídricos.

Rebecca Abers, que coordenava a mesa, explicou que no Brasil, os comitês de bacia estão diretamente relacionados à Política Nacional de Recursos Hídricos e ao sistema de gerenciamento. Existem mais de 200 comitês estaduais e nove comitês

interestaduais. Nesse contexto, foi apresentado o projeto *Marca d'água*, que retrata as mudanças na gestão das bacias hidrográficas do Brasil.



"O projeto é uma pesquisa-ação que reuniu entre 2000 e 2010 um grupo de mais de 40 pesquisadores e profissionais envolvidos na construção de comitês de Bacia



no Brasil, resultando em mais de 20 teses e dissertações além de vários artigos, livros, seminários e trocas”.

Na ocasião, Rosa Formiga, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), expôs sua visão acerca da situação dos comitês no país, destacando que globalmente há avanços extraordinários em termos de processo, produção de dados e informação, mobilização e participação.

“Os comitês estão com agendas mais aderentes as leis, e estão também com uma atuação criativa, forte e com articulação local em torno de ações consideradas prioritárias”.

A especialista mencionou também os gargalos que se referem à baixa importância do tema água na agenda política.

“Devemos aproveitar a crise para fazer com que a questão da água vire agenda política”.

Outros desafios citados pelas palestrantes foram a existência de uma “crise” nos sistemas de gestão, e essa fragilidade nos órgãos gestores reflete nos comitês.

Para Beate Frank, houve uma proliferação na criação de comitês sem assegurar a sua sustentabilidade financeira. Os gestores públicos muitas vezes nem sabem das questões estratégicas que passam pelo comitê da bacia.

E continua,

“ É preciso conhecer melhor como a ponta está funcionando, realizar um estudo aprofundado sobre a gestão participativa do Singreh e identificar os avanços, desafios e limites, para assim propor estratégias e mecanismos de aperfeiçoamento”.

Outras recomendações foram na ampliação dos espaços de gestão participativa.

“Além de ocupar os espaços de decisão, devemos aprender a se comunicar com a sociedade, fortalecer o seu papel de articulador e mostrar resultados”, acrescentou Rebecca Abers.

A professora norte americana, Margareth Kerk, enfatizou com a sua experiência estrangeira que o que se deve fazer é buscar alternativas de sustentabilidade além



15. Roda de Conversa - GESTÃO PARTICIPATIVA DAS ÁGUAS: O PAPEL DOS ORGANISMOS DE BACIA

Dia: 22.03

Horário: 9h às 10h30

Moderador/Coordenador: Lupércio Zioldo

Palestrantes: Laís Moraes Rego (Associação Folclórica e Cultural Maranhão), Procópio Lucena (CBH Piancó Piranhas Açu), Germano (CBH Turvo Grande - SP), Roberto Olivares (Rede Latino Americana de Organismos de Bacia) e Francisco Lahoz (Consórcio PCJ).

Para este diálogo os participantes se propuseram a esclarecer como a instituição dos Organismos de Bacias, como meio de promover a aproximação e envolvimento da sociedade na gestão dos recursos hídricos, em âmbito mundial, induziu e estimulou uma mudança comportamental.



Para eles existem ainda desafios que vão desde a importância estratégica da região central e sul americana detentora de 25% dos recursos hídricos mundiais e como os organismos de bacia possuem papel destacado. Como

também a diversidade brasileira nos organismos de bacia.

Laís Rego questionou que diante das mudanças em curso no mundo há necessidade de respostas para a sociedade.

*“Há necessidade de inovação e redes de interação. Não dá para fazer gestão de recursos hídricos apenas de forma setorial. Nós precisamos assegurar o diálogo e a representatividade nos organismos de **bacia**.”*



Ela ainda lembrou que o envolvimento das comunidades tradicionais, que são as maiores guardiãs das águas, nos organismos de bacia precisa ter legitimidade.

Procópio Lucena apontou os desafios de gestão da água subterrânea pelos comitês. Estudos nessas áreas são necessários.

Como recomendações, os palestrantes com unanimidade afirmaram a questão da necessária comunicação eficiente entre os atores da bacia. Além disso, estes mesmo atores precisam ser empoderados por meio da interação.

Para Roberto Olivares a integração dos setores que não estão interligados é crucial para a melhoria dos trabalhos dos comitês.

“É necessário avançar em um novo modelo holístico”.

Foi citado que precisa-se criar pactos para alocação de água em tempos de escassez. Procópio Lucena lembrou do papel dos CBH na gestão de águas durante os anos de seca no Ceará e do FNCBH como incentivo à criação de organismos de bacia em estados sem grandes conflitos pela água, a exemplo do Maranhão.

Essa troca de informações poderia ser realizada através das mídias sociais que são usadas para integração e conhecimento por meio da interação.



Os comentários finais foram voltados à necessidade de conhecer bem a bacia e desenvolver uma comunicação que possibilite pactos entre os diversos interesses. Os palestrantes concluíram que os organismos de bacia deram início ao processo de construção da política nacional de recursos hídricos e continuam tendo força deliberativa.



16. Roda de Conversa - ÁGUA GESTÃO COMUNITÁRIA

Dia: 22.03

Horário: 11h às 12h30

Moderador/Coordenador: Telma Rocha

Palestrantes: Glória Alvarado (Representante de FENAPRU - Chile) Segundo Guallas (Representante de CENAGRAP - Ecuador), Feliciano Santos (Representante de ESTAMOS - Mozambique), Gabriela Vieira (Central Bahia - Brasil) e Margarita Gutierrez (Representante de Cántaro Azul - México).



Para iniciar a roda de conversa coordenada pela Fundação Avina, foi apresentada a sua agenda de desenvolvimento sustentável, dizendo que atua em 20 países na América Latina e alguns países na África por

intercambio.

Seu trabalho é identificar parceiros nos países e nas comunidades para elaborar os projetos.

Telma Rocha, que estava na moderação da mesa, explanou que na América Latina, existem 34 milhões de pessoas sem acesso a água e 106 milhões sem saneamento, porém possui 33% dos recursos hídricos renováveis no mundo, portanto não é problema de quantidade e sim de gestão desses recursos.

Glória Alvarado ressaltou, que existem 145.000 mil organizações comunitárias de serviços de água e saneamento (OCSAS), sendo que muitas pessoas na área rural só têm acesso a água pelo trabalho destas comunidades.



Pela exposição dos painelistas, a experiência do Chile é o modelo a ser seguido pelos demais países, não que o país ainda não tenha problemas, mas sim pelo avanço conseguido até então. Glória explicou a forma com que o Chile tem se organizado nos seus três tipos de organizações, todas associativas. Mostrou o quanto isso fortalece as OCSAS, que pela primeira vez no Chile, criou-se uma lei com a participação social.

“A mobilização e a associação da comunidade são necessárias para conseguir institucionalizar a gestão comunitária, para a inclusão efetiva das mulheres, para conseguir apoios econômicos nacionais e internacionais.”



A África tem um grande caminho a percorrer, dito as dificuldades encontradas pelo país: cultura nômade, pontos de água que não funcionam, a não institucionalização dos comitês de água e a corrupção. A troca de experiências neste painel foi um grande incentivo no avanço da implantação das OCSAS neste país.

A apresentação da experiência mexicana de como realizar um trabalho efetivo onde 24 milhões de pessoas dependem da gestão comunitária de serviços de água e saneamento chamou muita atenção. Um país em que o recurso é abundante e as pessoas tem uma relação distinta com a água, a tratando não como mercadoria e sim com elemento vital, não aceitam e não acham justo pagar pelos custos de produção. É difícil conscientizar que o tratamento desse bem vital tem um custo que dever ser mantido pelos usuários.

As OCSAS no sentido global têm vários desafios a enfrentar: a legalização do serviço, a inclusão e aceitação da participação ativa das mulheres, o apoio de iniciativas políticas de captação de recursos, entre outras.

Cada país tem sua experiência e sua evolução neste processo, mas sem dúvida alguma, a associatividade é fundamental e necessária para o sucesso das OCSAS, trabalhando unidos que poderão ser escutados, caso contrário, o governo não olhará para que se incorpore políticas no setor rural. Não somente na questão da visibilidade política e sim para quaisquer conquistas necessárias para a manutenção das OCSAS.





17. Roda de Conversa - POPULAÇÕES TRADICIONAIS COMO GUARDIÕES DA ÁGUA

Dia: 22.03

Horário: 14h30 às 16h

Moderador/Coordenador: Lais Rego

Palestrantes: Maria Lucia Gois Brito (Populações de Terreiro - Brasil, Thais Fortuna (OIT - Brasil), Mona Polaca (EUA), Sunny (Canadá), Austin (Arizona), Daiara Tukano (Brasil) e Darlene Sanderson (Canada).

Como as comunidades tradicionais no mundo inteiro cuidam da água? Esta foi a bandeira desta roda de conversa.

Maria Lucia da Bahia, trouxe a sua visão e experiência dos povos de matriz africana em relação a água.



“As religiões africanas possuem respeito às águas desde o nascimento. Todos são filhos da água. Desde cedo, estudamos para o cuidar das águas. A ausência de educação no Brasil é um dos grandes causadores pelo não cuidado da água.”

A questão educacional também foi citada por outros palestrantes. A falta de educação ambiental é séria no mundo inteiro. Como podemos estar em um evento ambiental sobre a água e nos alimentarmos e bebermos água em pratos e copos de plástico? Perguntou Sunny, liderança indígena do Canadá.

Oferecer as crianças formas e opções de como elas devem cuidar da água é a saída de muita escassez futura.



Mona
Polaca,
liderança
indígena
nos EUA,
acredita que
o
tratamento
da água
pelas

comunidades é colocado como sagrado.

“Dentro da água estão seres sagrados. E não são somente os indígenas que devem cuidar das águas, somos todos responsáveis por elas”.

Nós temos nações que ainda precisam das águas. As comunidades tradicionais já viviam nestes espaços cuidando e protegendo as águas há muitos anos. Os conhecimentos indígenas são importantes para toda a sociedade.

Austin do Arizona, EUA, lembrou que as comunidades tradicionais começaram a ser invadidas por mineradoras e outras formas de exploração dos recursos naturais. A comunidade se uniu e começou a utilizar as fontes de água que ainda restavam para sua própria sobrevivência, e para os rios voltarem a fluir.

“Quando nos unimos, somos fortes e aí não existe empresa alguma que possa nos vencer.”

Os povos tradicionais podem contribuir amplamente para a preservação do meio ambiente. Em se tratando de documentação, Tais Fortuna da OIT, explicou que perante a Convenção 169 (1989), os Povos Tribais possuem legitimidade de ocupação de territórios tradicionais, de aplicar práticas tradicionais para o



desenvolvimento sustentável e a própria preservação do ciclo hidrológico passa por esta ocupação dos povos tradicionais das em suas terras.

Darlene Sanderson do Canada enfatizou que é já passamos do momento de aplicar e implementar boas práticas relacionadas a água dentro e fora das comunidades tradicionais.

A perspectiva indígena brasileira veio com Daiara Tukano, que por uma cabaça explicou como a sua comunidade respeita e vê a importância da água.

“A cabaça representa o ventre da mãe, e a haste é o eixo do mundo, em cima as penas dos pássaros representa a ligação com o mundo. Na visão do povo Tukano, todos nós viemos de dentro do ventre da terra. As florestas sendo devastadas e a terra sendo contaminada por minerais tóxicos, afeta diretamente a forma como enxergamos a relação da mãe com os filhos, uma vez que a mãe terra alimenta a todos nós. Tratar a mãe terra, como tramamos nossas mães, com respeito é respeitar a vida.”

A ligação entre os povos tradicionais, principalmente, os indígenas na luta pela água é de sofrimento.

“Mãe não se compra, não se vende, não tem fronteiras”, concluiu Daiara.

Ao final para concluir a conversa, as lideranças fizeram um canto de louvação a mãe terra e a água.





18. Roda de Conversa - ÁGUA NA MÍDIA

Dia: 22.03

Horário: 16h30 às 18h

Moderador/Coordenador: Sônia Bridi

Palestrantes: Ana Toni, João Paulo Capobianco, Rodrigo Medeiros e Renato Cunha

Uma das mais esperadas Rodas de Conversa na Arena das Águas era 'Água na mídia'. O objetivo principal era trazer exemplos de trabalhos a respeito da água na televisão e levantar o debate sobre Saneamento básico, transposição, crise hídrica



e mineração, a partir da apresentação de vídeos.

A jornalista Sônia Bridi moderou a conversa, e logo no início apresentou uma reportagem que desenvolveu sobre o Rio Nilo, para o Fantástico, onde abordava o início da formação das civilizações,

que se deram nas margens deste rio. Sonia destacou, ainda, que a série de reportagem foi uma das mais importantes para ela, por se tratar da importância dos rios para o surgimento da sociedade que temos hoje.

Para explanar sobre os temas apresentados por meio de trechos de reportagens e cenas da dramaturgia nacional, Ana Toni, doutora em ciência política, João Paulo Capobianco, doutor em ciência ambiental, Flávia Rocha, Renato Cunha, jornalistas. Ana Toni falou sobre a cultura da abundância que se vive no Brasil e como ações que não estão diretamente relacionadas aos cuidados da água, como propagação de modelos de energia sustentáveis, podem contribuir com a melhoria dos recursos hídricos.

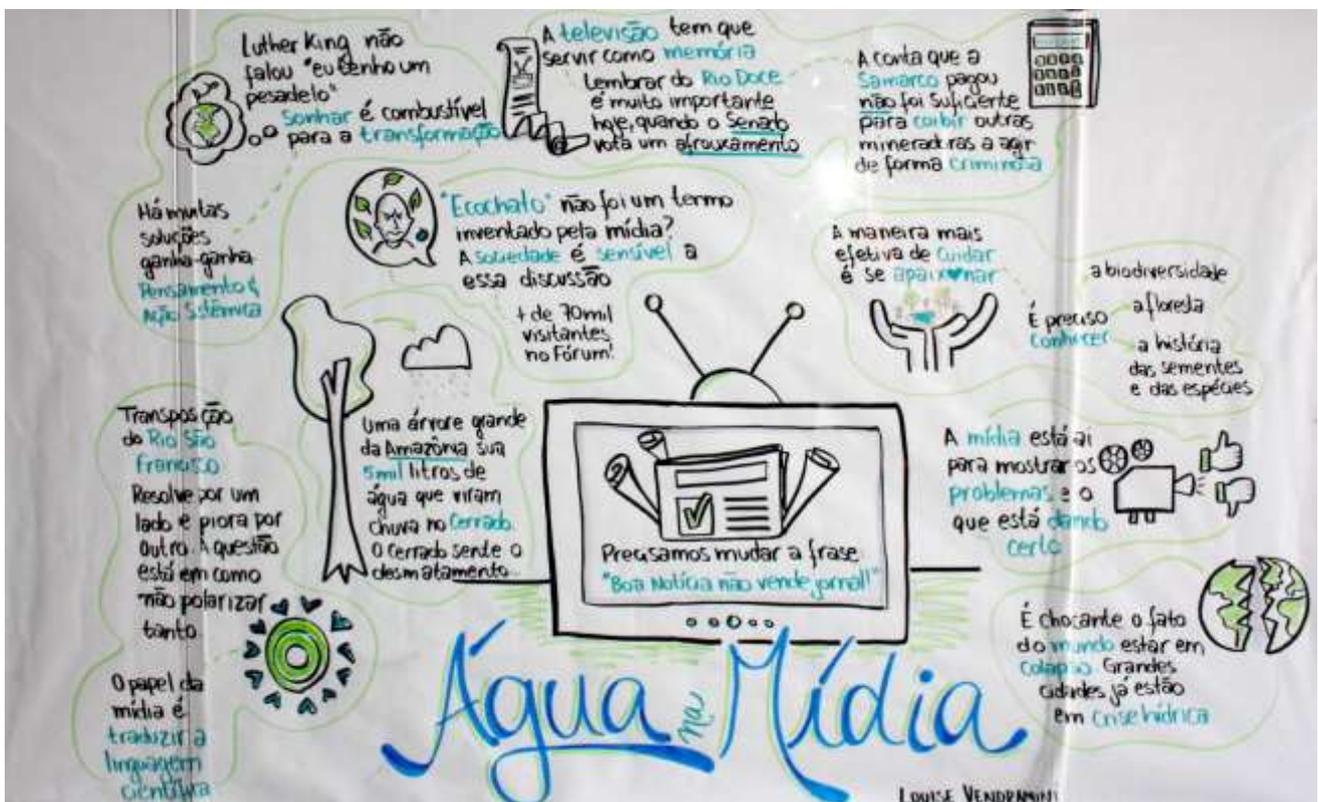


Capobianco lembrou do conceito ecochato, e como a mídia contribuiu para tornar o termo pejorativo. Flávia Rocha destacou a capacidade de mobilização dos jovens, que hoje é muito maior do que as gerações anteriores.

"Essa é uma geração que quer se engajar e tem muito a dizer. Portanto, se olharmos com carinho para esse público, muito podemos fazer", ressaltou.

Os presentes também destacaram a importância de levar conhecimento ao público, para que o conhecimento gere envolvimento e apego sentimental, dessa forma, a mídia exerce um papel fundamental. Além, é claro, de ajudar na memória, registrando lembranças, como, por exemplo, o desastre em Mariana - MG.

Ainda sobre Mariana-MG e a tragédia vivida pela população local, se levantou questões acerca do desenvolvimento econômico versus a preservação ambiental. Os painelistas levaram, ainda, à reflexão acerca dos privilégios de grandes empresas no uso da água, em relação aos pequenos, como os pescadores, no caso



de Mariana-MG, que também tiram o seu sustento do rio. Ainda dentro do tema,



a mesa indaga se as penalidades foram suficientes para que não aconteça novamente.

O saneamento básico, como o Governo o trabalha e sua importância para a população também foi pauta. Na sequência, Ana Paula, afirmou que há uma boa cobertura da mídia acerca da água, porém não há mobilização da população, diferentemente de outros assuntos que comovem e geram a inquietação da sociedade.

Capobianco também reforça que as boas notícias devem ser divulgadas, para mostrar a população e ao Governo que é possível, porém a mídia não abre espaço para boas iniciativas.



Após abrir espaço para que os presentes participem da Roda, Sonia Bridi finaliza pedindo que todos continuem o diálogo e que levem a discussão também para as suas casas.



19. Roda de Conversa - ÁGUA E SAÚDE

Dia: 23.03

Horário: 9h às 10h30

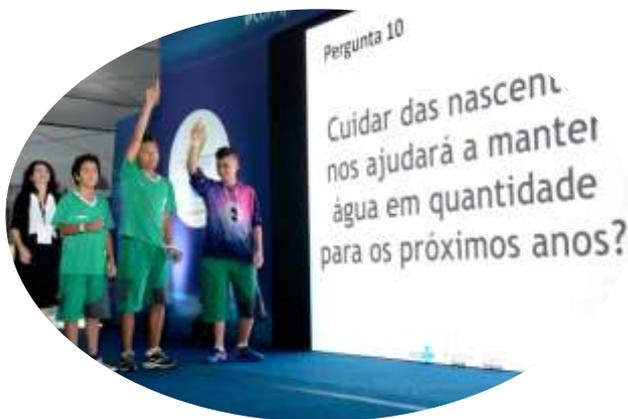
Moderador/Coordenador: Sônia Bridi

Palestrantes: Silene Lima Dourado Ximenes Santos, Jamyle Calencio Grigoletto, Rosane Cristina de Andrade, Aristeu de Oliveira Junior e Magda Machado Saraiva Duarte

Na manhã do último dia do 8º Fórum Mundial da Água, 23.03, a Arena das Águas foi tomada por 400 crianças de diversas escolas de Brasília para participar da gincana preparada pela Fundação Nacional da Saúde (FUNASA) sobre Água e Saúde.



A Roda de Conversa explanou informações gerais sobre a água e a sua importância



para a saúde. Posteriormente, as crianças foram convidadas a responder algumas questões e criar gritos de guerra que reforçam a importância da água.

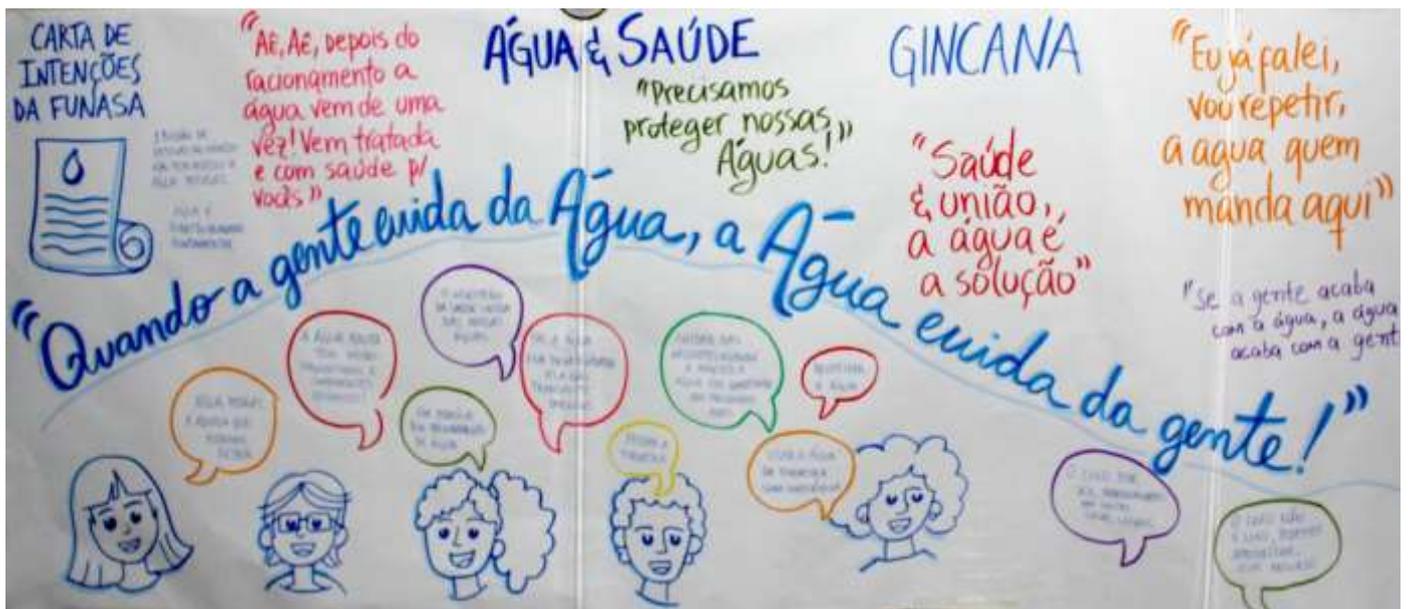
Dessa forma, com vídeos, palestras e gincanas, de forma intercalada, a Funasa falou sobre

qualidade da água e como ela afeta diretamente a saúde. A diretora de Saúde Ambiental (Desam) Ângela da Costa apresentou a carta de intenções da Funasa, proveniente das atividades ocorridas durante toda a semana do Fórum.



Na apresentação da carta a diretora do Desam explicou como foi construído o documento e a finalidade da formulação dessas intenções.

"Pretendemos levar essas intenções para todas as autoridades para que possamos dar continuidade ao o que fizemos aqui durante toda semana com as Rodas de Conversa", destacou.



Para finalizar, as crianças recolheram os copos e outros resíduos da Arena. Ao fim da atividade, e além disso saíram com o bordão trazido pela Funasa na ponta da língua: *"Quando a gente cuida da água, a água cuida da gente!"*.



20. Roda de Conversa - ÁGUA COMO DIREITO HUMANO

Dia: 23.03

Horário: 11h às 12h30

Moderador/Coordenador: Leo Heller (Relator especial da Organização das Nações Unidas - ONU)

Palestrantes: Catarina Albuquerque (Ex. Relatora especial da Organização das Nações Unidas - ONU), Maria Paula (atriz, ativista e ambientalista), David Boys (Public Service International), Gloria Coron (México), ONG EAU de Paris e Miriam Planas (Som Aigua - Espanha).



Leo Heller faz a abertura apresentando os componentes da mesa.

Maria Paula inicia o evento e sua fala, se apresentando como artista e saúda Oxum, deusa das águas doces, se perguntando, o que é direito humano? Ela diz que temos que encarar o planeta como um organismo humano, que deve ser respeitado, assim como nós que exigimos respeito. Maria fala da necessidade de uma mudança de matriz energética tanto do planeta como da nossa matriz energética brasileira, sendo que devemos emitir menos poluição e menos ódio. Ela fala ainda que a água precisa ser respeitada, não ser encarada como negócio, mas como um ente que merece respeito.

O representante da ONG EAU de Paris, traz dados sobre o saneamento e do serviço de água de Paris e como a população encara esse serviço e o seu gestor. Ele fala da importância da conversa entre os poderes e de como essa mudança foi importante para a cidade.





Depois dessa evolução da gestão pública, a eficiência aumentou e fez com que o acesso a água aumentasse significativamente e o preço fosse reduzido. Ele afirma que o que contribuiu, sem dúvida, para esse processo é que eles não visam lucro no fornecimento da água, mas sim a sustentabilidade do sistema, o que não aconteceria se fossem um serviço privado.

Catarina Albuquerque, fala da importância de garantir o acesso a água independente da pessoa ter dinheiro ou não para pagar por ela, sem ter que andar quilômetros para ter esse acesso. Afirma a necessidade de se melhorar a gestão



para saber quando a coisa não está andando bem, afirmando ser importante fazer como foi feito em Paris, mudar tudo e começar novamente para garantir o acesso a água.

Para isso, é necessário garantir a participação de todos nos processos decisórios, não somente ser ouvida, mas também compreendida e acatada.

“O que interessa para as pessoas não é saber quem traz a água, mas sim ter a água, independente de quem o faça.”

David Boys, fala do Fórum Alternativo Mundial da Água que está acontecendo em paralelo ao Fórum Mundial da Água, também em Brasília, dizendo que lá também estão participando diversos países e pessoas. Convidando a todos para participar do FAMA para saber os assuntos debatidos como acesso a água, direitos humanos e dos trabalhadores e trabalhadoras. David diz que existe uma luta constante entre o público e o privado





e afirma ainda que as empresas privadas não existem para dar a população acesso a água, mas apenas para maximizar seus lucros.

Miriam Planas, da Espanha, diz que participou pouco do Fórum Mundial da Água, pois o FAMA a representa melhor com seu mote principal de que água não é mercadoria. Miriam, diz que os cortes de água e energia eram constantes na Catalunha, mas com a pressão dos cidadãos, a água foi regularizada. A pressão também levou com que a Catalunha conseguisse um serviço efetivamente público de água, com a remunicipalização da água na Catalunha, depois de 4 anos de mobilização. Fala do caso de Barcelona que, descobriu-se em 2010 que a operadora de água da cidade não tinha nenhum tipo de contrato com o poder público, estando assim irregular. Devido a isso, foi feito um termo para que isso fosse regularizado, mas foi tudo muito obscuro e isso está sendo debatido para ser cancelado. Miriam afirma que as mudanças devem vir dos cidadãos, para que as mudanças sejam realmente efetivas e transparentes, garantindo assim o direito humano de acesso a água, demandando a água para si.



Gloria Coron, faz um pequeno retrospecto das falas anteriores, mencionando a ampla utilização da água como *commoditie* no mundo. Fala da realidade do México comparando com a realidade brasileira, que diz conhecer bem.



21. Roda de Conversa - ESTRUTURA MOLECULAR DA ÁGUA E A QUALIDADE DA ÁGUA QUE BEBEMOS

Dia: 23.03

Horário: 14h30 às 16h

Moderador/Coordenador: Sergio Ribeiro

Palestrantes: Luc Montaigner (Prêmio Nobel de Medicina (2008 participação online - França-), Beverly Rubic (Presidente do Institute for Frontier Science da California - USA), Konstantin Korotkov (Phd, Diretor do Instituto Federal de Pesquisa em Física de São

Petersburgo - Rússia - participação online) e Adriana Miranda (Pesquisadora da



estrutura molecular da água pela Universidade de São Paulo - Brasil).

O painel buscou trazer para o cidadão e os gestores de água um panorama sobre as

descobertas da ciência sobre a estrutura molecular da água e suas consequências práticas para o avanço do conhecimento e para nossa relação com este elemento no dia a dia. Ao final do painel houve a assinatura do Protocolo de Intenções para criação do International Painel on Water Structure (IPWS).



22. PREMIAÇÃO DO FESTIVAL GREEN NATION

Dia: 23.03

Horário: 16h30 às 18h

O Green NAtion encerrou suas atividades na Vila Cidadã com a Premiação da 4ª Edição do Festival Multimídias Green Nation

As obras vencedoras levaram para casa o Troféu Green e um kit de produtos Green Nation, ganharam destaque com exibição oficial no 8º Fórum Mundial da Água, e posição de destaque nos canais Green Nation (site e redes sociais), ao



longo de 6 meses. Todas as obras concorreram simultaneamente aos prêmios de Júri Oficial e Júri popular, não havendo distinção entre os prêmios. No total foram os 200 projetos inscritos. O Festival tem como jurados: Maria Paula Fernandes (Diretora Fundadora da ONG Uma Gota No Oceano); Eriberto Leão (ator); e Tizuka Yamasaki (cineasta).

Os premiados desta edição foram:

Melhor obra de Ficção pelo Júri Oficial e pelo Juri Popular: Sem Sinal de Pedro Souza e William Costa;

Melhor Documentário pelo Júri Oficial: Centenário Manuel de Barros de Íris Zanetti e Anderson Marta Valfré;

Melhor Documentário pelo Júri Popular: Oceans and Flow - Dancing with your Dreams de Gustavo Neves e Violeta Lapa;

Melhor Fotografia pelo Júri Oficial: Meninas de Gabriel Uchida;

Melhor Fotografia pelo Júri Popular: Congresso Seco de Tiago Caramuru;

Melhor Animação pelo Júri Oficial: Bomtempo de Alexandre Dubiela;

Melhor Animação pelo Júri Popular: O Diário da Terra de Diogo Pereira Viegas.

Todos os vídeos podem ser vistos no site do Green Nation (<http://www.greennation.com.br/festival/brasilia-df-2018/10/competicao>)



23. ENCERRAMENTO: PLATAFORMA SUA VOZ E LEGADOS DO PROCESSO CIDADÃO

Dia: 23.03

Horário: 18h às 19h

A Comissão do Processo Cidadão trabalhou intensivamente para garantir todas as atividades propostas no 8/ Fórum Mundial da Água.

A equipe desejou e concretizou sonhos pioneiros nesta edição, como a Vila Cidadã e o Hydrocafé. Para isso acontecer foi necessário um trabalho coletivo entre todos e acreditar que é possível realizar um evento desta magnitude de maneira democrática e transparente.



Este encerramento na Vila Cidadã mostrou ao público a face das pessoas que organizaram as atividades durante os 7 dias e quais as bandeiras defendidas durante a organização do evento, como também o legado para a equipe.

Para o Processo Cidadão gerar e compartilhar informações, trocar experiências, realizar um Fórum acessível e democrático eram princípios primordiais. A Vila Cidadã mostrou que o objetivo foi alcançado, uma vez que gratuitamente o Processo Cidadão preparou e realizou durante o evento:

- ✓ 12 oficinas de formação;
- ✓ 17 atrações culturais
- ✓ 32 Rodas de Conversa
- ✓ 36 Filmes apresentados (curtas e longas)